



CÂMARA DOS DEPUTADOS

**COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO DESTINADA A
APURAR DENÚNCIAS DE TURISMO SEXUAL E EXPLORAÇÃO
SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES, CONFORME
DIVERSAS MATÉRIAS PUBLICADAS PELA IMPRENSA –
CPICRIAN**

**Requerimento Nº /2012
(do Sr. João Campos)**

**SOLICITA A REALIZAÇÃO DE
AUDIÊNCIA PÚBLICA EM GOIÂNIA
PARA APURAR DENÚNCIAS DE
TURISMO SEXUAL E EXPLORAÇÃO
SEXUAL DE CRIANÇAS E
ADOLESCENTES, CONFORME
MATÉRIA PUBLICADA NO JORNAL O
POPULAR, DO DIA 27 DE MAIO DE
2012, DA JORNALISTA CARLA
BORGES.**

Senhor Presidente:

Nos termos do Art. 24 do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, requeremos a Vossa Excelência que, ouvido o Plenário desta Comissão, sejam tomadas as providências para a realização de **AUDIÊNCIA PÚBLICA EM GOIÂNIA PARA APURAR DENÚNCIAS DE TURISMO SEXUAL E EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES, CONFORME MATÉRIA PUBLICADA NO JORNAL O POPULAR, DO DIA 27 DE MAIO DE 2012, DA JORNALISTA CARLA BORGES.**

JUSTIFICAÇÃO

O número de denúncias de abuso sexual contra crianças e adolescentes cresceu 84,1% no primeiro quadrimestre deste ano em comparação com o mesmo período do ano passado. Os dados são do Disque Direitos Humanos, o



CÂMARA DOS DEPUTADOS

Disque 100, da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República e representam um avanço na forma como a sociedade está tratando esse tipo de violência. As políticas públicas para o atendimento dessas vítimas, no entanto, pouco ou nada avançaram no período. A Prefeitura de Goiânia anuncia medidas nas áreas de assistência social e saúde.

Das 19.946 denúncias recebidas pelo Disque 100 de janeiro a abril do ano passado, 509 foram de Goiás. O número saltou para 937 denúncias no mesmo período deste ano. O número corresponde a uma média de oito denúncias por dia. O aumento também é sentido na Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA) de Goiânia, onde o número de boletins de ocorrência registrados referentes a abuso sexual cresceu 33,16% entre 2010 e 2011. A delegada Renata Vieira acrescenta um dado já conhecido, mas nem por isso menos chocante: os principais agressores, em ordem decrescente, são pais e padrastos.

Normalmente envolto em uma bruma de ameaças, vergonha e silêncio, o tema abuso sexual entrou para a pauta do País quando, no domingo passado, a apresentadora Xuxa Meneghel revelou ter passado por isso na infância e na adolescência. A história de Xuxa é parecida com a de uma bióloga, que deu seu depoimento ao POPULAR, à de Bárbara, que está no abrigo do Centro de Valorização da Mulher (Cevam) com os seis filhos (*os nomes das vítimas são todos fictícios, para resguardá-las*), e às de tantas outras que passaram e ainda passam por esse que é um dos crimes mais perversos, por envolver quase sempre pessoa da confiança da vítima e por normalmente ser cercado por um pacto de silêncio que dificilmente é rompido, devido à complexidade dos fatores envolvidos.

A psicóloga Maria Luiza Moura de Oliveira, a Malu Moura, professora do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Goiás, que trabalha há 32 anos com o atendimento de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual, vê como extremamente positivo o fato de o assunto estar sendo tão discutido em função da revelação da apresentadora, que pode e deve influenciar para que mais pessoas rompam o silêncio e denunciem casos que vivem ou de que têm conhecimento.

Para Malu Moura houve avanços, mas eles são insuficientes diante do aumento da demanda, evidenciado pelos números dos serviços de atendimento às vítimas. “O atendimento aos casos de violência sexual contra crianças exige uma rede intersetorial bem preparada, com serviços nas áreas de saúde, educação e Justiça”, observa Malu. “A Justiça, especialmente, precisa ser mais ágil, para que haja busca por justiça e não por vingança, mas



CÂMARA DOS DEPUTADOS

há um descompasso entre o que a sociedade exige e os desdobramentos e encaminhamentos”, aponta.

O POPULAR apurou que a estrutura para atendimento permanece a mesma e não recebeu novos investimentos nos últimos anos. Não há no município nenhum serviço voltado exclusivamente para o atendimento de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual.

Para Malu Moura, ex-presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), a situação exige investimentos. “Houve avanços, os serviços de saúde têm se comprometido mais com essa temática, mas a cada vez que vemos os números aumentando, temos mais consciência de que os serviços têm de ser ampliados com urgência e qualidade”, avalia a psicóloga.

Outro avanço que Malu aponta é o aumento da produção científica e acadêmica sobre o tema. “É um assunto muito complexo, que envolve questões sociais, econômicas e, principalmente, culturais, é coberto por muito tabu, ritos, crenças e, apesar disso, as pessoas estão quebrando o muro do silêncio”, diz. Sobre o aumento das denúncias, ela acredita que ele é mais decorrente do fato de as pessoas se indignarem com a situação e denunciarem as agressões.

“Todos os meus filhos foram fruto de estupro”,

“Fiquei desesperada quando vi que o que havia acontecido comigo estava prestes a se repetir com meus filhos. Foi isso que me deu forças”

Bárbara foi violentada pela primeira vez aos 6 anos. O estupro foi cometido por um cunhado, casado com a irmã dela. Órfã, sem ter com quem viver, ela foi morar na casa de uma tia, onde um primo também tentou agredi-la. Depois disso, foi morar com outra irmã. Aos 13 anos, Bárbara foi novamente violentada, desta vez por outro cunhado. A violência se repetiu de forma continuada até que há dois anos, com cinco filhos pequenos e a caçula no ventre, Bárbara se fez ouvir pelo juiz de sua cidade, em outro Estado e foi levada com os filhos para um abrigo. Como o cunhado foi ao local e fez ameaças, Bárbara e os filhos foram trazidos para Goiânia, onde vivem no abrigo do Centro de Valorização da Mulher (Cevam).

O relato de Bárbara é inacreditavelmente marcado por histórias bizarras de violência física e sexual. O cunhado, conforme relata a mulher, chegava a violentá-la na frente dos filhos e os incentivava a chutá-la. Por duas vezes, ela



CÂMARA DOS DEPUTADOS

presenciou atitudes que mostraram as intenções dele com as filhas. A primeira foi com uma das meninas, então com 2 anos. Ela o flagrou tocando os genitais da criança. Questionou e foi agredida a murros e facadas.

Em outra ocasião, ela percebeu um movimento brusco do agressor quando a filha estava no banho. “Ele se afastou rapidamente, disse que havia caído alguma coisa no chão, e o quadro da parede ficou balançando”. Bárbara gelou quando afastou o quadro: havia um buraco na parede por onde ele olhava a filha tomando banho. “Ele tinha comportamentos estranhos também com os meninos.”

Viver nesse inferno, sob ameaças e violência constante, sem ninguém a quem recorrer, fez com que Bárbara se sentisse a pior das mulheres. Por duas vezes, ela tentou suicídio. A mulher conta que também chegou a pensar em matá-lo, mas o medo de dar errado e ele fazer algum mal maior a ela e aos filhos falou mais alto.

Bárbara contou ao POPULAR que, dos seis filhos que teve, apenas a caçula lhe proporcionou felicidade no parto. Ela já estava em Goiânia quando a menina nasceu. “No caso de todos os outros, ele arranjava ‘pais’ para meus filhos e dizia que eu era uma vagabunda. Nunca tive resguardo, sempre começava a trabalhar (com materiais recicláveis) uma semana depois do parto”. Tantos anos de violência sem fim deixaram marcas profundas em Bárbara e nos filhos. Ela diz que encontrou paz no abrigo do Cevam, mas é uma mulher que conversa pouco e chora muito, sozinha. “Às vezes, eu me deito e penso que ele virá me pegar, tenho pesadelos.”

Assim, pela relevância da matéria, solicito que a audiência pública seja realizada em Goiânia.

Sala das Sessões, de de 2012.

JOÃO CAMPOS
Deputado Federal